

# O SISTEMA FRANCÓFONO DA INFORMAÇÃO NO SÉCULO XIX

*ENTRE CIRCULAÇÕES E  
MODELIZAÇÕES*

Guillaume Pinson<sup>1</sup>

Yuri Cerqueira dos Anjos (tradutor)<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente ensaio resulta das reflexões propostas na minha conferência de abertura do curso “Literatura e cultura midiáticas do século XIX”. O curso, organizado pela profa. Dra. Valéria dos Santos Guimarães, ocorreu em abril de 2019 no campus de Franca da UNESP, com o apoio do Programa de Pós-Graduação em História da

---

<sup>1</sup> Professor da Université Laval (Canadá).

<sup>2</sup> Professor da Victoria University of Wellington (Nova Zelândia).

mesma instituição. O texto aborda os principais conceitos e abordagens que têm guiado os estudos interdisciplinares acerca da produção, leitura e circulação da imprensa francófona ao redor do mundo no século XIX.

**Palavras-chave:** Imprensa Francófona; Circulação; Estudos Midiáticos; Século XIX.

## LE SYSTÈME FRANCOPHONE DE L'INFORMATION AU XIX<sup>e</sup> SIÈCLE : ENTRE CIRCULATIONS ET MODÉLISATIONS

**Résumé :** Cet essai est le résultat des réflexions présentées lors de ma conférence d'ouverture dans le cadre du cours « Literatura e cultura midiáticas do século XIX ». Ce cours avait été organisé par Valéria Guimarães dos Santos Guimarães en avril 2019 à l'UNESP (campus de Franca-SP), avec le support du Programme de Études Supérieures en Histoire de cette institution. Ce texte porte sur les principaux concepts et approches qui guident les études interdisciplinaires sur la production, lecture et circulation de la presse francophone dans le monde au XIX<sup>e</sup> siècle.

**Mots-clés :** Presse francophone ; Circulation ; Études médiatiques ; XIX<sup>e</sup> siècle.

Gostaria de propor neste ensaio uma reflexão acerca das ideias de local e global através de objetos midiáticos escritos em francês no século XIX. Ao fazê-lo, discutirei constantemente dois conceitos: *circulações* e *modelizações*<sup>3</sup>, que discuti em meu livro, *A Cultura Midiática Francófona na Europa e na América do Norte: de 1764 até a véspera da Segunda Guerra Mundial* (2016). São conceitos que associo partindo do princípio de que qualquer estudo da imprensa, por mais local que seja, deve, em última instância, calcar-se em um horizonte mais geral.

Assim, considero o processo de modelização como a ação particular, localizada no tempo e no espaço, dos atores do jornalismo, que resulta na publicação de um determinado jornal; Eu digo “modelização” para traduzir uma apropriação dinâmica, local, algo mais ativo que o simples respeito a um modelo, sempre colocado através da consciência de estar “modelando” algo que se move, circula, que não é nunca estático. “Prensar”, literalmente, o jornal: é isso que seus artesãos fazem, dia após dia, mesmo que muitas vezes apliquem receitas, “modelos” pré-estabelecidos.

Eis um exemplo imediato: nos dois lados do Atlântico, na Europa e na América do Norte, circulavam corpora literários, e os jornais francófonos incorporavam essa literatura à matéria jornalística. Mas eles não o fizeram exatamente da mesma maneira, e minha análise da imprensa de língua francesa na América do Norte levou-

---

<sup>3</sup> *Circulação*: movimentos e trocas de corpora midiáticos, jornalistas, ideias. *Modelização*: ação de fazer o jornal, se apropriar de um modelo e transformá-lo, adaptá-lo.

me a perceber, por exemplo, que o espaço do folhetim, o “rodapé” (“andar térreo” em francês) do jornal, quase nunca era usado no Canadá e nos Estados Unidos:

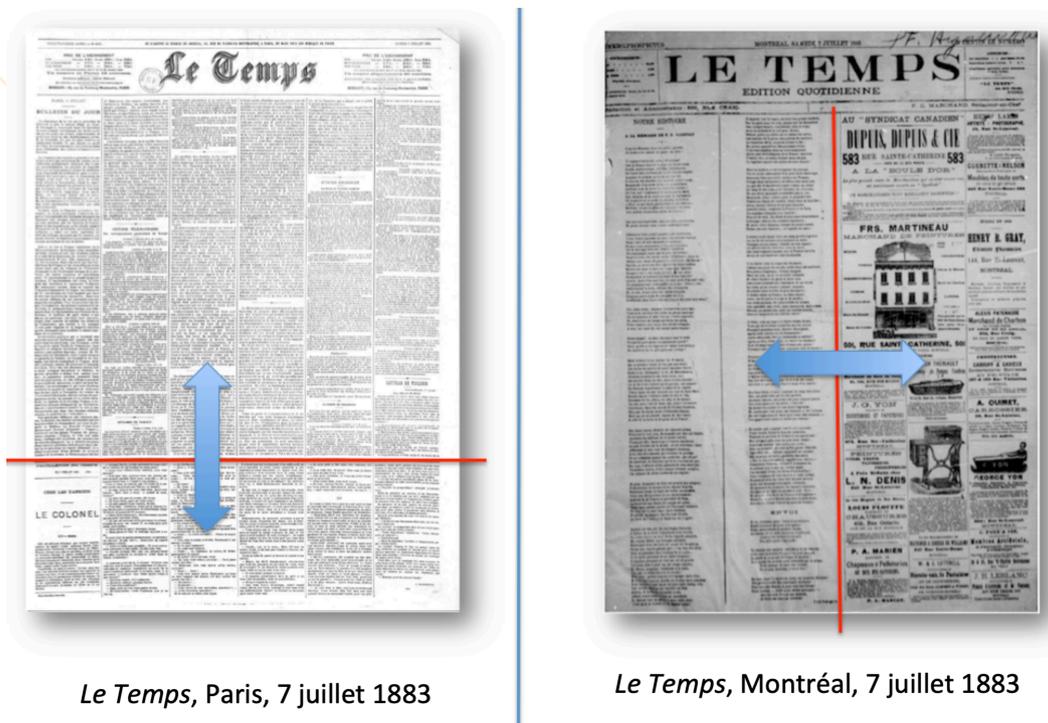


Figura 1 - Aqui podemos ver dois jornais com títulos idênticos, *Le Temps*, publicados no mesmo dia, um em Paris e outro em Montreal.

Observamos claramente a presença da literatura nas primeiras páginas desses jornais em Paris e Montreal: um romance de folhetim em Paris e um longo poema em Montreal. Mas, à primeira vista, percebe-se também um efeito de permutação da fronteira que separa a literatura do resto da página; o jornal parisiense baseia parte de sua legibilidade nos efeitos de superposição, de hierarquia também, sendo a parte inferior da página reservada à literatura, à cultura, às artes, enquanto o topo da página se mostra especialmente masculino, político, social, econômico.

O jornal de Montreal, por sua vez, oferece a seus leitores uma espécie de co-presença da literatura com os anúncios comerciais à direita: essa é uma prática característica da imprensa norte-americana de língua francesa, a bricolagem de uma receita local de jornalismo, que combina literatura e comércio.

Ora, isso é crucial e modifica inteiramente o valor da literatura, sua presença no mundo para os leitores desses jornais. Constantemente, os historiadores literários registraram apenas a presença e a circulação da ficção no espaço atlântico francófono, falando dos êxitos da transmissão do “romance-folhetim” parisiense no mundo inteiro; mas muitas vezes o fizeram por meio de uma confusão entre o espaço “folhetim” do jornal e o gênero que ele veio posteriormente a incorporar, sem

perceber que não havia, ou muito pouco, “rodapé/folhetim” na imprensa do Quebec, de língua francesa, na América do Norte. Deste lado do Atlântico, outros efeitos de sentido estavam em ação, existiam outras interações entre as zonas, uma presença social, política e cultural da literatura se manifestava sob uma outra fatura que não reproduzia simplesmente o “modelo” francês do folhetim.

Esse *processo de modelização*, aqui apenas esboçado pelo uso da página do jornal, me parece funcionar também para todas as dimensões do jornal, os gêneros, a poética jornalística, o uso de rubricas, as escolhas editoriais, o imaginário literário, e assim por diante. Ele atinge inclusive os grandes movimentos, como o romantismo na primeira metade do século, que se infiltra em todas as imprensas francesas do mundo, mas nunca da mesma maneira, sendo tanto um modelo quanto uma matéria modelável, capaz de ser reutilizado em diversos espaços.

Além disso, todos esses fenômenos são inseparáveis de uma *dinâmica de circulação*. Mais uma vez, estamos falando de tudo que envolve o jornal: informação, corpora, jornalistas, imaginário, tudo o que pode circular e, de fato, circula cada vez mais rapidamente e cada vez mais abundantemente no século XIX. Um jornal que é publicado em Paris, em Quebec ou São Paulo, é em todo caso um objeto que está ancorado em um contexto local e uma história muito particular, mas que também ocupa um lugar de uma cadeia jornais que materializam a circulação da informação.

Proponho, portanto, um retrato muito imperfeito e necessariamente parcial de certas questões relacionadas à história do jornalismo no século XIX e ao desenvolvimento da cultura midiática de língua francesa em todo o mundo, mantendo em segundo plano essa dupla lógica, circulação / modelização, sempre em funcionamento. O assunto é vasto e só poderei abordá-lo a partir da minha experiência, especialmente dedicada até agora à imprensa francesa e à imprensa norte-americana de língua francesa. Complementarei essa abordagem com algumas reflexões sobre as ferramentas digitais, que estão intimamente relacionadas ao meu trabalho. Acredito que essa perspectiva seja capaz de ajudar lançar um olhar amplo sobre o corpus midiático, e que ela pode ainda alimentar uma reflexão em que as diferentes escalas, “regional” ou continental, por exemplo, acabam se encaixando umas nas outras.

Estou envolvido, já há alguns anos, no projeto Médias 19, através da sua plataforma digital *medias19.org*, alocada na Universidade Laval, e co-dirigida por Marie-Ève Thérenty, da Universidade de Montpellier. Os cerca de 120 colaboradores da plataforma M19 ofereceram até agora uma ampla gama de contribuições sobre o jornalismo do século XIX, além de fornecer inventários de jornalistas (mais de 4500 biografias), bancos de dados, bibliografias de recursos, incluindo principalmente recursos digitais. Além dos muitos dossiês de artigos científicos disponíveis em acesso aberto, a aba de “Jornais Digitalizados” pode ser de particular interesse para vocês, pois ela permite ler o corpus de mídia em francês disponível on-line, por região ou país.

Na França, como no Canadá, mas também, como pude constatar, em muitos países como o Brasil, no mundo acadêmico e em grandes instituições de conservação

como as bibliotecas nacionais, grande parte do apelo do corpus midiático do passado é provavelmente explicado por uma espécie de renascimento digital desse material. Nos últimos anos, as campanhas de digitalização tornaram possível mergulhar em títulos anteriormente dispersos e de difícil acesso, que agora são cada vez mais valorizados. Como podemos ver através de alguns dos principais sites de bibliotecas digitais (em países como Estados Unidos, França, Bélgica, Inglaterra, Suíça, Canadá, Quebec e tantos outros), a era da mídia está sendo atualmente tomada por um movimento de patrimonialização digital; a era digital dá uma segunda vida à era do papel, num gesto inigualável e surpreendente, de reedição de grandes corpora jornalísticos, impensáveis alguns anos atrás.

O atual movimento científico pode, portanto, contar com campanhas de digitalização cada vez mais diversificadas. Muitos jornais provinciais e regionais, que na França são objeto sobretudo de trabalhos realizados pelas instituições ligadas aos arquivos departamentais, multiplicam a variedade e a quantidade de coleções colocadas on-line. O resultado de toda essa energia implantada em torno desses objetos é profundamente análogo à história da cultura da mídia em si e nos traz de volta ao meu ponto central: não há perspectiva local que não esteja relacionada a lógica nacional, inter- e transnacional.

Historicamente, a imprensa constituiu-se como principal veículo da globalização cultural, iniciada na virada do século XIX; ela contribuiu tanto para a formação e expressão de identidades regionais e locais quanto para o desenvolvimento de uma forma de padronização de referências e imaginários peculiares a tal processo; oferecendo, além disso, dois séculos mais tarde, aos investigadores e curadores de hoje, a oportunidade de renovar estas histórias, de aquecer o conjunto das culturas regionais e locais, ou de ver como poderia existir, além das fronteiras das redes intelectuais, comunidades de interesses supra-nacionais, reunidas em torno de ideias literárias, científicas, políticas ou mesmo religiosas (ver particularmente os trabalhos do crítico Sylvain Venayre).

Deixando de lado a profusão da imprensa local francesa, cujas centenas de periódicos estão sendo digitalizados, e cujos títulos fazem parte da história do desenvolvimento muito ativo da imprensa francesa como um todo no século XIX, alguns pontos são particularmente notáveis no caso do Canadá e dos Estados Unidos: as bibliotecas digitais permitem imergir tanto em uma imprensa local, testemunha da expansão territorial das comunidades francófonas, como visto na imagem relativa ao Canadá, onde cada marco vermelho é um jornal francês digitalizado, quanto permitem perceber que cada um desses pontos de referência é apenas o elo de uma corrente que os conecta entre si.



Figura 2 - Jornais digitalizados no Canadá e EUA.

A digitalização torna visível na tela, quase palpável, o duplo processo de circulação e modelagem que esbocei um pouco antes. Em outras palavras, a imprensa circula, uma cultura do jornal escrito em francês se espalhou no horizonte de um continente, e até mesmo em um horizonte intercontinental, como vemos simbolizado de uma forma bastante curiosa nesta aproximação de jornais de Ontário, Quebec e Brasil, cada um incorporando parte do modelo parisiense do qual é inspirado.



Figura 3 - Modelos parisienses (abaixo) e suas incorporações nas Américas (acima)

Tudo isso é, portanto, uma grande sorte na perspectiva que reúne pesquisadores engajados na história da imprensa, e particularmente para aqueles que, como nós, estão interessados na imprensa escrita em francês. O mundo francófono do século XIX forma um conjunto extraordinário, cujos contornos são revelados graças à ação, muitas vezes combinada (mas nem sempre), dos pesquisadores e da digitalização. Este mundo é obviamente ligado por sua unidade linguística, por amplos impulsos econômicos, coloniais e culturais que frequentemente colocam em evidência a complexa relação do centro hegemônico – parisiense – e de suas periferias. Esse conjunto não é monolítico, mas forma, pelo menos, um “sistema”, isto é, uma vasta rede com suas interconexões, seus elos de interdependência.

A hipótese que sugeri em meu livro sobre o espaço francófono do Atlântico Norte é, portanto, considerar a América do Norte e a Europa Ocidental como um todo. Nenhum jornal escapa deste sistema, todos fazem parte deste conjunto, onde quer que estejam localizados.

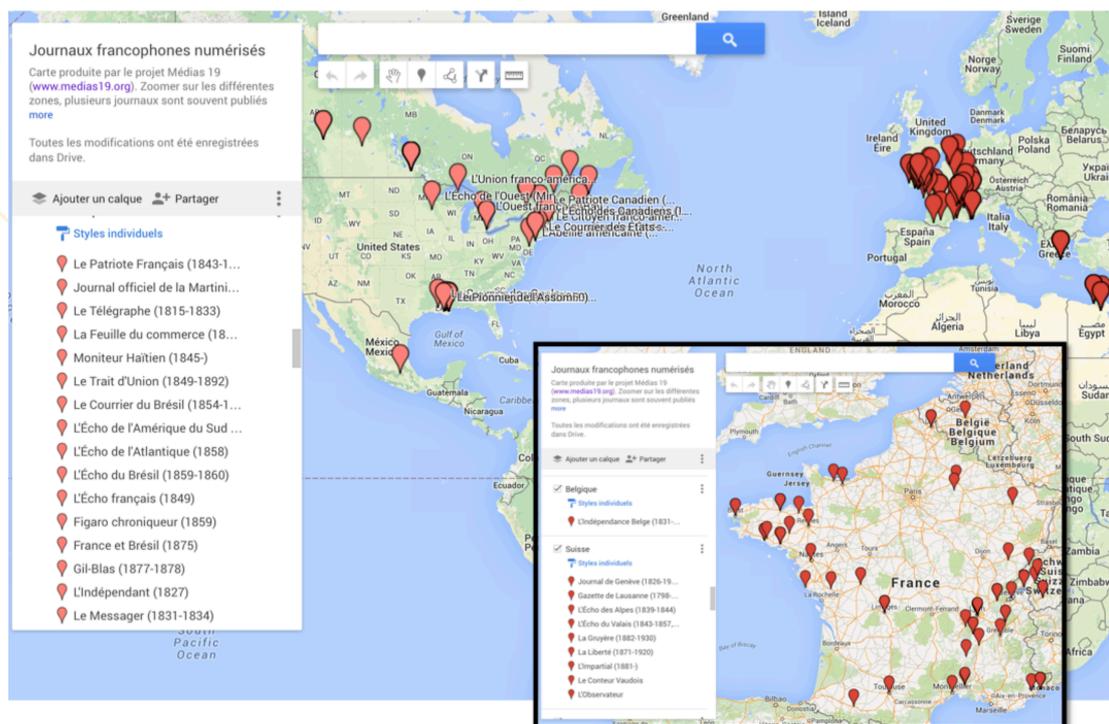


Figura 4 - Jornais francófonos digitalizados na Europa e na América do Norte.

O jornal *Métis*, por exemplo, fundado em 1871 em Manitoba, no centro do Canadá, era apenas mais um elemento, uma extensão do sistema que começara cerca de um século antes, em 1764, com o primeiro jornal francês publicado no continente, a *Gazeta do Quebec*, seguida de perto por outros jornais, em sua maioria efêmeros, na costa leste dos Estados Unidos, e mais ao sul em 1794, pelo *Moniteur de la Louisiane* – este bastante perene (1794-1814). Ao longo do século, os jornais ampliaram a esfera de influência desse sistema e vastas ligações consolidaram esse conjunto.

Foi assim que me propus a pensar no sistema de informações francófono do Atlântico como uma rede de circulações.

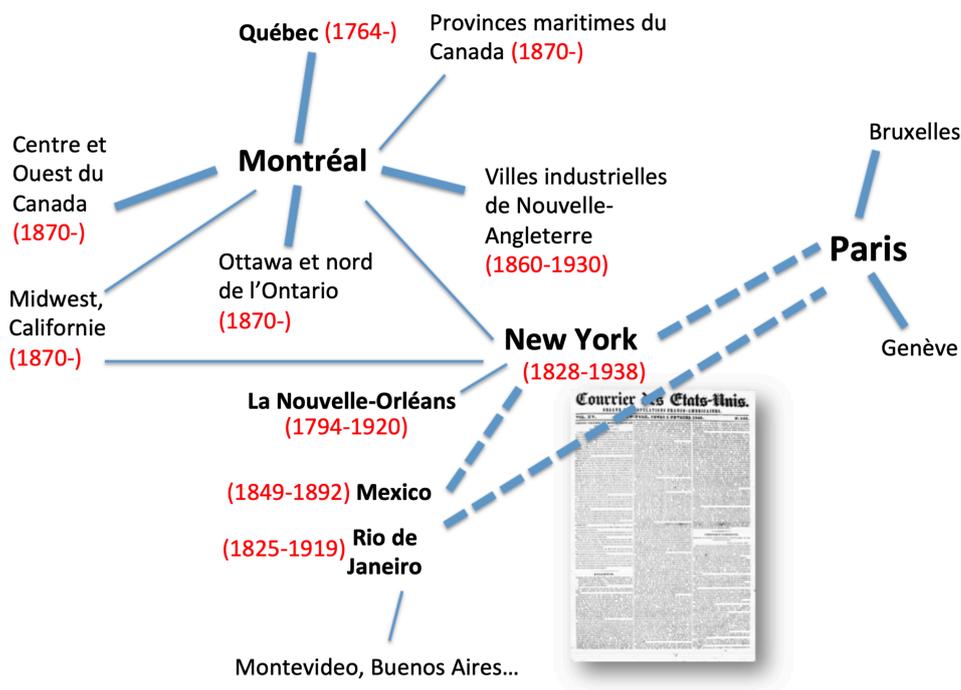


Figura 5 - Rede do sistema midiático francófono do Atlântico.

Nessa rede, alguns eixos formam o uma ossatura principal que também se estende para o sul, rumo ao México, Rio de Janeiro, Montevideu, à medida em que se operam os deslocamentos e desenvolvimentos das comunidades francófonas nas Américas; bem como à medida em que se expandem os meios técnicos de comunicação, notadamente as redes telegráficas, continentais e intercontinentais, como o cabo transoceânico de 1866, que constitui, a este respeito, uma modificação extraordinária do espaço-tempo da informação.

O eixo oceânico era, portanto, essencial, e era apoiado por uma rede cada vez mais eficiente de linhas marítimas que movem a informação de um lado do Atlântico para o outro. Em alguns casos, os próprios barcos possuíam pequenas casas de impressão. Em 1907, a Companhia Geral Transatlântica publicou um jornal a bordo de seus barcos, o *Journal de l'Atlantique*, distribuído aos viajantes, fornecendo notícias do navio e algumas notícias do país deixado para trás.



Figura 6 - *Journal de l'Atlantique*, um exemplo marcante da circulação midiática francófona transatlântica.

Este exemplo mostra de forma notável como a cultura midiática foi baseada em dinâmicas de trocas e comunicações cada vez mais intensas, mas também que propunha aos leitores a construção de histórias e imaginários da circulação, viagens e movimentos regulares e rápidos, que contribuíram largamente para o sentimento universalmente compartilhado de viver num mundo agora transformado, com espaços interconectados e ritmos temporais acelerados.

Assim como a nossa cultura digital atual, a cultura midiática foi baseada na *conexão* (no *link*), compreendido tanto como relação, quanto como representação dessa relação. Uma das hipóteses que podem ser formuladas a esse respeito é que essa cultura do vínculo estava longe de ser ignorada os contemporâneos, e que, na verdade, ela constituía um elemento central do valor atribuído aos objetos midiáticos. A partir de meados do século XIX, à medida em que o jornal diário mudava a vida social, política, profissional e familiar de todo o Ocidente, o leitor queria entender o lugar que ele mesmo ocupava no mundo, “conectando-se” com seus concidadãos através do jornal. Parte de sua experiência de leitura provavelmente fazia sentido no fato de ele saber que tinha um jornal na mão que estava conectado a esse mundo; que esta revista não era um objeto fechado em seu texto, mas, pelo contrário, atravessada por textos colocados em circulação, trocados, copiados, reimpressos, saltando de jornal para jornal.

Esta observação fundamental convida-nos a pensar o nosso objeto, a imprensa de língua francesa, ao nível dos indivíduos, através da consciência dos artesãos dos jornais e de seus públicos ao situarem-se num determinado lugar do mundo francófono, mundo que eles podiam claramente se representar. Se voltarmos à apresentação esquemática do sistema atlântico francófono (Figura 5), o mergulho nas diferentes zonas em questão mostra cada vez mais fortemente ativada tal capacidade de ligação e de representação das redes de circulação, de acordo com cada uma das situações concretas, cultural e historicamente ancoradas, seja em Montreal, Nova Inglaterra, Nova York ou Nova Orleans.

Em função dos períodos e fases de desenvolvimento da imprensa francesa no continente, os eixos se desenvolviam ou entravam em declínio e certas áreas iam se transformando em mediadoras de informação. Em meados do século, a Louisiana era um lugar particularmente importante para a imprensa francófona. Os historiadores canadenses frequentemente esquecem que o primeiro jornal de língua francesa do continente não nasceu em Montreal ou no Quebec, mas em 1823 em Nova Orleans; esquecem também que Nova York e seu muito influente *Courrier des Etats-Unis* eram, em meados do século, o mais importante centro na recepção e distribuição continental de notícias escritas em francês. Os jornais do Quebec copiavam justamente muitos de seus artigos. Nesse sentido, não é de se espantar que um importante político, Pierre-Joseph-Olivier Chauveau, que viria a ser Primeiro Ministro de Quebec no final da década de 1860, tenha publicado, justamente em Nova York, sua coluna política nos anos 1840.

Esses exemplos iluminam parcialmente as diversas maneiras pelas quais podemos entrar nessa cultura da conexão, nessas estruturas encadeadas de circulações, atores, objetos e corpora: movimentos e distribuições de jornais, viagens de jornalistas muitas vezes apoiados em fases de migrações de comunidades, jogos de citações de jornais entre si, reimpressão de artigos de um jornal a outro, uso dos gêneros midiáticos da correspondência e da reportagem que conectam territórios, seções especializadas como o resumo da imprensa estrangeira.... A soma e especialmente o estudo de todos esses modos de circulação no sistema midiático é, podemos dizer, vertiginoso.

É preciso ressaltar ainda que, nos últimos anos, as ferramentas digitais abriram perspectivas de investigações que vão muito além da simples leitura e das buscas convencionais realizadas na tela, como mencionei anteriormente. Essas ferramentas podem ajudar a entender melhor esses movimentos, a partir da visualização de dados, dos mapas dinâmicos e da detecção automática da reimpressão de artigos, incitando a pensar no jornal em seu ambiente global. Talvez vocês já conheçam alguns projetos de humanidades digitais que estão apontando nessa direção, incluindo o famoso projeto “Mapeando a República das Letras” (Stanford), que torna visível as redes de circulação de cerca de 60.000 cartas escritas por intelectuais europeus, do século XVII ao século XIX. O corpus e o período temporal desse projeto ligado à correspondência já são muito amplos. Com o jornal a situação é ainda mais

complexa. Imagine se quiséssemos visualizar as conexões, as circulações de artigos, fatos, ficções, tudo o que “saltava” de um jornal para outro, o que era copiado e colado, plagiado, citado... Se alguém pudesse perceber tal coisa, talvez pudesse entender melhor e com mais precisão o que circulava no sistema de informação francófono.

Atualmente, as ferramentas digitais nos permitem sim mergulhar nesta cultura da conexão midiática, para detectar automaticamente todas as formas de circulação e cópia de textos, que circulam de um jornal para outro: poemas, histórias, crônicas, listas, sequências de estatísticas econômicas... No século 19, uma quantidade considerável de textos muito diversos compartilham a particularidade de serem retomados, copiados, cortados, fragmentados em um número incontável de periódicos, em escalas temporais e espaciais frequentemente insuspeitas.

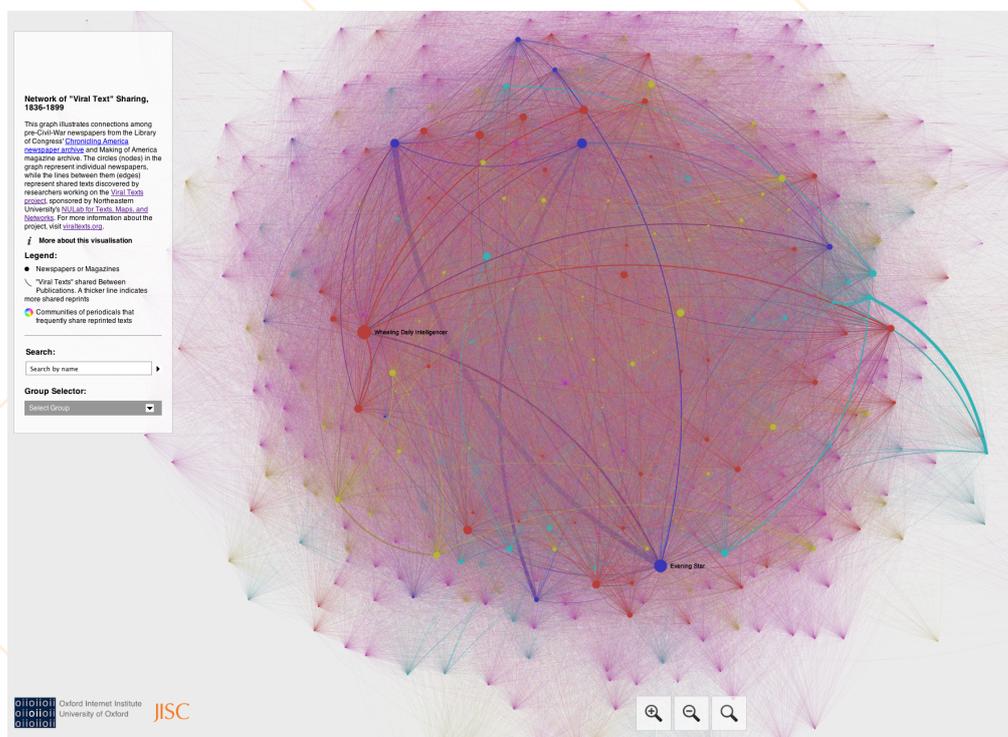


Figura 7 - Rede de textos virais (“viral text”) entre 1836-1899. Fonte: <www.viraltext.org>.

Como consequência, o status mesmo desses textos nos jornais evoluiu. Questões de anonimato, plágio e de propriedade literária acabam tomando novas dimensões diante da possibilidade uma difusão não previsível, e geralmente invisível, de fragmentos textuais. Existem vários projetos para rastrear a distribuição de textos na imprensa em inglês, como o projeto “Viral Text” de Ryan Cordell, da Northeastern University de Boston. Cordell baseou a primeira fase de seu estudo na imprensa americana do período que antecede a Guerra de Secessão, usando os bancos de

dados da imprensa digitalizada da Biblioteca do Congresso, nos Estados Unidos. O algoritmo desenvolvido permite identificar, como uma busca de plágio, inúmeras reimpressões, permite detectar os textos “virais”, bem como as redes de circulação. Atualmente, esse pesquisador está ampliando seu projeto para uma dimensão internacional, a da imprensa publicada em inglês no século XIX, em particular nos Estados Unidos, Grã-Bretanha e Austrália.

A detecção automática desta “viralidade”, permite buscar um equilíbrio com os estudos mais tradicionais de transferências culturais, como o estudo de trajetórias biográficas dos atores mais influentes, e entrar no corpus não só por meio de palavras-chave, nomes próprios conhecidos, ou ainda pelos títulos mais famosos de romances-folhetim que foram retomados em toda parte, mas sim estudar esse material através da detecção automática das formas de literatura cotidiana e das manifestações concretas da obra coletiva dos jornais. A noção de modelagem busca exatamente explicar esse equilíbrio entre o que é captado, aplicado, capturado por um certo fluxo viral e o que emerge de local, de particular e de original. Isso implica uma ação por parte dos atores, tomadas de decisão, em um processo sem fim, literalmente quotidiano.

O projeto *Numapresse*, dirigido em Montpellier por Marie-Ève Thérenty, é, do ponto de vista digital, a segunda fase do projeto *Médias19*; ao lado de Julien Schuh (Paris 10) e do pós-doutorando Pierre-Carl Langlais, nós tentamos aplicar as ferramentas de Ryan Cordell ao mundo francófono. Começamos a cruzar as bases de dados da biblioteca digital Europeia e da Biblioteca e Arquivos Nacionais do Quebec:

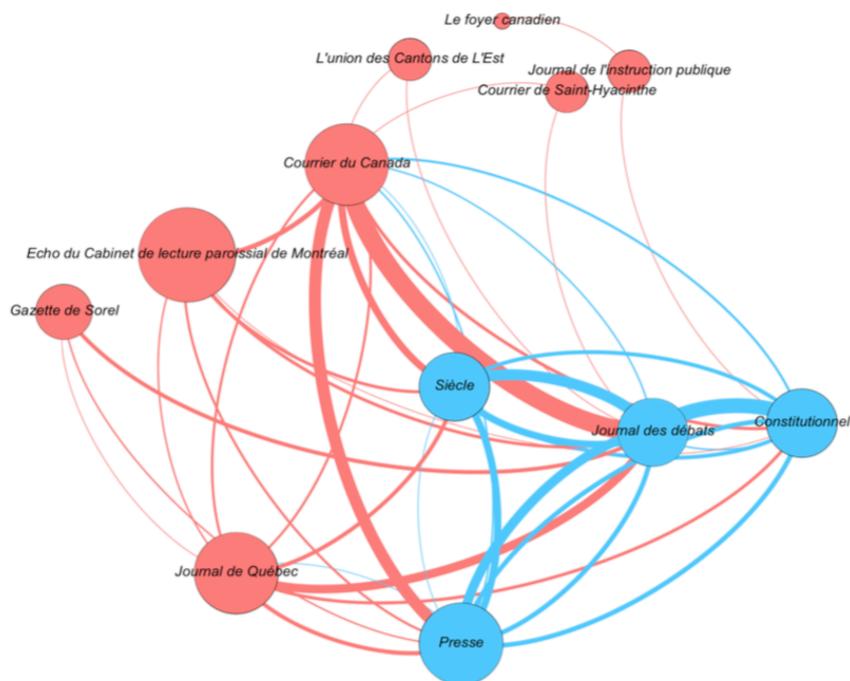


Figura 8 - Redes virais em contexto francófono (projeto Numapresse)

A imagem (Figura 8) revela importantes dados. Em azul vemos quatro títulos da imprensa parisiense, as linhas indicam a rede de retomadas/reprises que conecta uns aos outros; Em vermelho, vemos os títulos franco-canadenses, e os fluxos de reimpressão de artigos vindos da França.

Esse trabalho é ainda preliminar e está em fase de testes. Ele aparece aqui apenas sob uma forma muito resumida de representação em rede, mas esperamos mostrar com mais detalhe o que cruzava o Atlântico em meados do século XIX, em francês, e identificar com mais precisão a cultura francófona no eixo Atlântico. Quais notícias atravessavam o Atlântico, que micro-histórias coletivas poderiam unir as comunidades de leitores em ambos os lados do oceano? Existiam viralidades locais, outras internacionais? E por que estradas e redes de retransmissão de jornais essas notícias passavam? Quais gêneros midiáticos eram mais populares, em que época eles emergem, que espaço eles ocupam no jornal ao longo do tempo?

De fato, ferramentas digitais estão começando a operar no estudo da genericidade da escrita impressa, assim como na nomeação de autores para artigos não assinados, pelo reconhecimento de traços estilísticos. Eu convido o leitor a imaginar como a digitalização global da imprensa em francês e a aplicação dos novos protocolos de pesquisa poderiam nos permitir entender melhor o sistema francês de informação como um todo, bem como em seus subconjuntos, países, continentes. Além disso, seria possível também integrar as questões de tradução, o que o desempenho das ferramentas já está começando a permitir. Tal passo será essencial para o estudo de corpora bilíngues ou mesmo trilingues. Assim, será possível identificar o conteúdo propriamente francófono da imprensa diante das influências linguísticas estrangeiras, para medir a evolução quantitativa da parte francesa dos jornais, que poderia variar ao longo do tempo. O declínio da imprensa de língua francesa na Louisiana, como o da comunidade de língua francesa da Nova Inglaterra, por exemplo, passou por uma série de fases em que a presença de artigos em inglês oscilava muito: às vezes com quase total rejeição, como um recuo protecionista, seguido de um retorno ao bilinguismo e assim por diante. No momento, porém, temos que trabalhar com bancos de dados de bibliotecas digitais que nem sempre são interoperáveis, e também com grandes lacunas em coleções como, por exemplo, a menos que eu esteja enganado, a imprensa romena em francês (enquanto a imprensa grega me parece bastante presente online).

A perspectiva sistêmica global abre, assim, a porta para pesquisas muito férteis, de uma complexidade formidável, assim como nos dá a sensação de alcançar essa famosa cultura da conexão por meio de uma massa quase infinita de dados. Nesse contexto, as leituras, buscas e análises clássicas mantêm toda a sua relevância; eles fornecem acesso a uma experiência de imprensa que é relativamente consistente com a de seus leitores originais. É sempre fascinante questionar o material da imprensa, proceder por meio de microleturas, por reflexões e associações, pela acumulação da experiência da leitura. Pensando no contexto do Brasil, seria

importante também mergulhar no *corpus* da imprensa da América Latina, para comparar as abordagens, estudar os seus principais artesãos, as suas redes mais importantes e, assim, estabelecer as condições favoráveis a um estudo da conexão deste rico subconjunto ao todo mais amplo do sistema francófono de informação. Os esquemas que apresentei aqui sobre o eixo Atlântico devem visar necessariamente uma expansão em todas as direções e nos levar, em última instância, a uma história mundial da imprensa em francês no século XIX.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

PINSON, Guillaume. *La Culture médiatique francophone en Europe et en Amérique du Nord - De 1760 à la veille de la Seconde Guerre mondiale*. Québec: Presses de l'Université Laval, 2016.

Site web: <[medias19.org](http://medias19.org)>